

## A ESCRITA E LEITURA NO CONTEXTO DA ALFABETIZAÇÃO

Joyce Sales Longuinho<sup>1</sup>  
Leda Victor de Oliveira<sup>2</sup>  
Liliane Alves Madureira Ribeiro<sup>3</sup>  
Vanessa Moreira Victor Oliveira<sup>4</sup>  
Wellen da Silva Saldanha<sup>5</sup>

**RESUMO:** O objetivo desta pesquisa foi analisar o caminho percorrido pela escrita por meio da oralidade e leitura, elementos essenciais para o processo de alfabetização. Partindo da origem da escrita em que o ser humano já internalizava a necessidade de desenvolver um sistema para caracterizar o pensamento e registrar os acontecimentos, percebeu-se que houve a ascensão através de desenhos para representar os fatos. E como a evolução do homem foi sendo aperfeiçoada, a escrita, progrediu, chegando ao princípio que há hoje. Neste sentido foi dada ênfase a importância do desenho para desenvolvimento da escrita da criança, citando suas principais fases. A partir da concepção de que a escrita é uma representação da linguagem oral, da fala. A criança precisa ser capaz de representar o símbolo de um som da fala e letras do alfabeto e saber fazer distinções entre as letras, ouvindo com atenção os sons. Tratar a questão da relação fala-escrita e ainda sobre o erro como exercício de elaboração de hipóteses na construção da escrita.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Leitura. Escrita.

**ABSTRACT:** The objective of this research was to analyze the path taken by writing through orality and reading, essential elements for the literacy process. Starting from the origin of writing in which human beings already internalized the need to develop a system to characterize thoughts and record events, it was noticed that there was a rise through drawings to represent facts. And as the evolution of man was perfected, writing progressed, reaching the beginning that exists today. In this sense, emphasis was placed on the importance of drawing for the development of children's writing, citing its main phases. From the conception that writing is a representation of oral language, of speech. The child needs to be able to represent the symbol of a speech sound and letters of the alphabet and know how to make distinctions between letters, listening carefully to the sounds. Treat the issue of the speech-writing relationship and error as an exercise in developing hypotheses in the construction of writing.

**Keywords:** Literacy. Reading. Writing.

---

<sup>1</sup> Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Cathedral - UNICATHEDRAL (2021); Especialização em Ensino por competências e tecnologias da Educação pelo Centro Universitário Cathedral - UNICATHEDRAL (2022);

<sup>2</sup> Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales (1990); Especialização em Psicopedagogia pela Faculdade Integradas de Várzea Grande - FIVE (2005);

<sup>3</sup> Graduação em Pedagogia pelas Faculdades Unidas do Vale do Araguaia - UNIVAR (2013); Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelas Faculdades Unidas do Vale do Araguaia – UNIVAR (2016);

<sup>4</sup> Graduação em Pedagogia pela Universidade Pitágoras - UNOPAR (2020); Especialização em Psicopedagogia pela Faculdade do Instituto Panamericano - FACIPAN (2021);

<sup>5</sup> Graduação em Pedagogia pela Universidade Severino Sombra (2009). Especialização em Psicopedagogia Clínico Institucional pela faculdade Centro Universitário - Campus 1 – Belford Roxo - UNIABEU (2011).

## 1. INTRODUÇÃO

Esse estudo faz uma relação entre a conquista da escrita pela humanidade, e a aprendizagem da escrita atual, pelas crianças, pois mantém relação com a escrita de forma similar à aprendizagem na infância. Esclarecendo: como a criança inicia o processo da escrita: rabiscando, desenhando e reconhecendo figuras, fazendo uma relação à evolução da escrita da humanidade que teve progresso a partir de sequência de desenhos (formas pictográficas), ao desenvolvimento da escrita da criança.

A alfabetização tem sido, através dos tempos, motivo de estudos e pesquisas. A psicogênese da escrita e da leitura, fundamentado nos estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1985), em que os resultados apresentados, transformaram a concepção sobre o processo de alfabetização e construção da escrita, através da comprovação das fases que a criança atravessa no processo desta aquisição, as perspectivas e características de cada uma delas.

A criança escreve como tivesse conhecimento da escrita. Ela pode conhecer o nome e seu som, sem conhecer o sistema de escrita. Ler e escrever são atividades de processamento de informação; falar e compreender a fala são características biológicas da espécie humana e são adquiridas na infância por mera exposição à linguagem oral; ler e escrever pode adquirir-se em qualquer idade e requer instrução.

Constata-se o valor da leitura no cotidiano da criança e sua relação na alfabetização e contexto escolar, analisando os aspectos que favorecem a aprendizagem da leitura. A escrita é uma representação da linguagem, no entanto, ela não representa todos os aspectos da linguagem, a capacidade de extrair a pronúncia e o sentido de uma palavra a partir de sinais gráficos, ou seja, codificar (escrever) e decodificar (ler) palavras). A alfabetização apoia-se no conhecimento que o indivíduo já tem da linguagem oral, seja conhecimento de estruturas sintáticas, seja de vocabulário que lhe permitem compreender seu meio linguístico

Portanto, alfabetizar requer também o ensinamento e orientação. Não se aprende a ler e a escrever como se aprende a falar e compreender a fala. Na busca de fundamentar teoricamente para embasar esse trabalho de pesquisa, apoiei-me nos estudos de Cagliari, Kato, Lemle, Barbosa e Carvalho sobre a criança no desenvolvimento e o processo de construção da leitura, escrita e influências exercidas.

O objetivo deste estudo foi analisar o processo da escrita e também da leitura, elementos essenciais para o processo e alfabetização. E para o desenvolvimento deste estudo, optei pela pesquisa bibliográfica, pois esta procura explicar o fato a partir de

referências teóricas publicadas, buscando conhecer e analisar o conteúdo e as contribuições culturais.

## 2. PERCURSO HISTÓRICO DA ESCRITA

O ato de ler e escrever envolve ações de representar e decifrar sinais, símbolos e signos constituídos através de princípios de combinações sociais, em cada situação de nossas vidas elaboramos combinações para serem esclarecidas e interpretadas pelo grupo social em que convivemos.

Vivemos num mundo cercado de escritas. É só observar: revistas, jornais, livros, placas nas ruas, o ônibus, lojas, cartazes de propaganda, as embalagens dos produtos. É quase impossível imaginar um mundo diferente ou um tempo em que a escrita não existia.

A necessidade de registrar os acontecimentos surgiu com o homem primitivo no tempo das cavernas em que começou a gravar imagens nas paredes. Esse sistema de comunicação expressava apenas as ideias visuais. Pode-se dizer que a pintura foi um antecedente da escrita.

Fazemos desenhos de pessoas, de atividades que realizamos ou de objetos para ressaltar situações, lembrar uma cena do nosso cotidiano e para registrar coisas que falamos, ou pensamos. E foi o que o homem descobriu, passando a utilizar desenhos para representar as

palavras. Dessa forma, iniciou-se a história da escrita.

Na pré-história o ser humano já externalizava a necessidade de informar. Inicialmente o uso do registro era através da pintura, desenhos que representavam sua cultura, objetos e acontecimento do cotidiano.

O homem da pré-história, com a intenção de registrar os acontecimentos, desenha com a finalidade descritiva e mnemônica, retratando a caça, indicação de caminhos, ganhando assim estatuto de interlocução com seus pares, porém sem vínculos com os princípios da escrita. Sendo a representação das ideias por meio de desenhos, numa determinada ordem, havia um significado para cada desenho. Para representar a palavra boi, por exemplo, utilizava-se a figura de um boi, e com o passar dos tempos esses desenhos foram sendo estilizados. Essa escrita, na forma de desenhos, se chamava pictográfica.

Os pictogramas não são associados ao som, mas à imagem do que se quer representar. Consistem em representações dos objetos da realidade.

Diferentes povos, em períodos distintos, fizeram tentativa de idealizar o mundo com registros. O desenho foi uma forma utilizada para expressar ideias e não palavras, e tem várias possibilidades de interpretações: porém diante das exigências

sociais o homem começa a evoluir com construção de registros mais precisos.

O surgimento da escrita ocorreu na Mesopotâmia por volta de 3100 a. C. Os escribas aperfeiçoaram o sistema de escrita, pois a linguagem escrita com o tempo ia se tornando mais complexa e o acervo de pictogramas aumentaram. A partir deste aumento os sumerianos fizeram estilização dos símbolos para representar outras palavras, surgindo assim os ideogramas, escrita de idéias, ou seja, símbolos para representação de idéias via associação imagem-conceito, no início eram letras de forma.

Os sumerianos criaram os símbolos que em seguida repercutiram para representar a fala, abrindo caminhos para a fonetização. Os egípcios inventaram os hieróglifos (escrita sagrada). A representação do som através dos desenhos foi bem desenvolvida, criando caracteres que representavam o som das palavras e certamente influenciou outras civilizações para a construção de uma escrita que representasse os sons das palavras. A escrita egípcia já estabelecia um conceito aproximado de um alfabeto, pois já trazia uma base de escrita alfabética.

A escrita segundo concebemos teve sua procedência no momento que o homem aprendeu a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos, ou seja, representar a fala através de símbolos.

A civilização Fenícia influenciada pela Mesopotâmia e pelo Egito, no séc. XV a.C.

Organizou um sistema com 24 símbolos gráficos para formar o silabário, constituído de consoantes. Inventam a letra e o primeiro alfabeto, preocupando com a produção do sistema da escrita, que adquiriu uma representação fonográfica, isto é, o ideograma perdeu a importância pictórica e evoluiu para uma representação fonética, sinais, é neste contexto que se inventa a letra, que reproduzem sons dos vocábulos correspondentes na língua falada.

KATO (1987, p. 15), ressalta que: “Foram os fenícios, com seu espírito prático de comerciantes, que se apossaram da complicada escrita lexical-silábica dos egípcios, derivada dos hieróglifos, e dela extraíram 24 símbolos, os mais simples, para formar o silabário”. Este silabário era constituído apenas de consoantes, sendo que, esporadicamente, as semiconsoantes (w e y) serviam para representar as vogais (u, e, i). Os gregos fizeram adaptações com base na escrita dos fenícios, fazendo algumas mudanças, sendo que, como alguns sons dos fenícios não correspondiam ao som da língua grega, foi invertida a posição de algumas letras e foram acrescentadas as vogais e, dessa forma, passou-se da escrita silábica para a escrita alfabética, (veja as diferentes formas do alfabeto grego na figura 2). Os gregos, tendo apontado as vogais na escrita, perceberam a

diferença entre as consoantes e as vogais, criando o sistema da escrita alfabética.

BARBOSA (1991 p. 37) cita três grandes avanços na construção histórica da escrita: “O princípio Sumério da fonetização; a escrita silábica semítica ocidental; o alfabeto grego”. E ainda menciona que durante os últimos anos, o alfabeto conquistou a civilização e espalhou-se pelo planeta.

Os princípios da escrita não sofreram qualquer modificação, durante extenso período. Os romanos se apoderaram do alfabeto grego fazendo algumas variações, e atualmente utilizamos o alfabeto difundido pelos romanos. As centenas de alfabetos existentes no mundo, por mais diferentes que sejam no seu sistema exterior, foram estabelecidos e permanecem segundo os princípios da escrita grega. Com a concepção do alfabeto, surge o primeiro método de ensino de leitura, o método alfabético e surgem as primeiras dificuldades de aprendizagem e leitura, em que utilizava o nome das letras e não o som. A aprendizagem era complicada, sendo o método de soletração, o único usado na Antiguidade e na Idade Média. De acordo com a precisão humana, o homem foi aperfeiçoando a escrita como meio para a sua própria sobrevivência.

CAGLIARI (2007, p.112) cita que “a escrita, seja ela qual for sempre foi uma maneira de representar a memória coletiva religiosa, mágica, científica, política, artística e cultural, ou seja, a escrita é uma ferramenta necessária e

imprescindível para a evolução de conhecimento e comunicação com o mundo.

“

Compreende-se então, que história da escrita está ligada ao desenvolvimento do passado da humanidade, passando assim da linguagem oral para os registros: à escrita pictográfica na qual se utilizavam imagens visuais para transferir os pensamentos e conceitos; à escrita ideográfica ou hieroglífica, que utilizava símbolos que se afastavam do objeto.

Percebemos então que o trajeto da escrita do homem inicia pela capacidade de representação simbólica, usando figuras para apresentar coisas, e em sequência atinge a etapa em que representa a fala, e neste movimento toma consciência da palavra, sílaba e som

### 3. A ESCRITA E A CRIANÇA

A criança adquire aprendizado nos mais variados contextos e percebe que a escrita faz parte da vida social. Inserir a criança no mundo da escrita é permitir que ela seja a construtora de seu próprio conhecimento, tendo em vista sua forma de conhecer e compreender o mundo que a cerca. A língua escrita é um meio básico de transmissão de informações e de conhecimentos, realizando um papel essencial

no processo de educação, no decorrer dos tempos na sociedade.

Nesse sentido, a escrita é uma linguagem representada, onde as palavras sobrevivem ao tempo. Presente na memória da humanidade e transmitida por meio de ensinamentos valiosos, através do processo ensino aprendizagem.

Para KATO (apud, Vigotsky, 1987, p.16) “é interessante ressaltar que para aprender a escrever, a criança precisa fazer uma descoberta básica – a saber, que ela pode desenhar não apenas coisas, mas também a própria fala. ”

Do ponto de vista da representação gráfica, as primeiras escritas das crianças surgem com linhas onduladas, quebradas, contínuas, fragmentadas, ou então como uma série de elementos discretos e repetitivos (conforme exemplo da figura 3), então a criança precisa saber o que representa os risquinhos pretos em uma página branca, portanto é necessário compreender o que é símbolo e uma criança que ainda não consiga compreender a relação simbólica, não conseguirá aprender a ler e escrever.

CAGLIARI explica:

Num primeiro momento, a criança pequena tenta escrever fazendo rabiscos, em geral pequenos, e misturando linhas retas e curvas. Nem sempre faz o rabisco e depois interpreta; as vezes tenta escrever algo que pensou. O resultado é uma escrita cifrada cujo significado só o autor conhece. (2007 p.120)A escrita pode ser considerada

como uma representação da linguagem ou como código de transcrição gráfica sonora, ou seja, a criança precisa ser capaz de entender que os riscos representam o símbolo de um som da fala e letras do alfabeto e saber fazer distinções entre as letras, ouvindo com atenção os sons.

Os indicadores mais claros das experiências realizadas pelas crianças para compreender a natureza da escrita são as suas produções espontâneas, entendendo como tais as que não são os resultados de uma cópia. E essas escritas espontâneas são consideradas garatujas para FERREIRO. (1985, p.17)

A esse respeito, CAGLIARI (2007, p. 121), comenta, “ nessas tentativas de escrita a criança não procura copiar, mas representar o que ela imagina que seja a escrita. ”

Oferecendo amplo material para ser examinado a fim de definir o nível que a mesma se encontra e observar os aspectos construtivos, o que quis representar. Deste modo, entende-se que o desenvolvimento da escrita alfabética acontece por etapas, onde a criança passará por diferentes processos até chegar ao domínio satisfatório da própria língua

FERREIRO (1995 p.18), cita que do ponto de vista construtivo, diz que a escrita infantil segue uma linha de evolução



surpreendentemente regular através dos meios culturais, de situações educativas e de diversas intervenções do meio em que a criança está inserida e do seu professor. Muitas vezes a criança acaba pensando que se aprende para passar de ano, É necessário conduzir a alfabetização, demonstrando que a leitura e a escrita têm função agora, na vida diária. Segundo Ferreiro a aprendizagem da escrita se faz no mais variado contexto social e as crianças tentam compreender as variadas informações obtidas diariamente.

Assim sendo o professor precisa dar valor ao que a criança já sabe desde os primeiros momentos de vida escolar, pois as crianças, ao chegarem à escola, já sabem de várias coisas sobre a língua materna e, portanto, o conhecimento passa a ser estabelecido por meio da interação do sujeito com o objeto, cabendo ao professor criar oportunidades que favoreçam o desenvolvimento da escrita através das experiências que a criança traz de casa, originando uma situação de ensino aprendizagem.

A escrita existe muito antes da criança chegar à escola, sendo ela fruto de atividades existentes entre as pessoas e no contexto social que vivenciam, sendo, portanto, uma atividade mental adquirida de acordo com o interesse pessoal, grupal e social. “A escrita não é um produto escolar, mas sim, um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade”. (FERREIRO apud TEBEROSK 1995, p.43)

O processo de aprendizagem, entretanto não acontece de forma mecânica, orientada e metodológica. Quando os alunos chegam à escola para aprender já viram muitas coisas escritas na rua, ou seja, ela absorveu o que está em seu mundo, possivelmente percebem que a escrita quer dizer alguma coisa, mas não compreendem os sinais escritos. “As crianças não empregam seus esforços intelectuais para inventar letras novas, recebem a forma das letras da sociedade e as adotam tal e qual.” (FERREIRO, 1995, p.20)

A escrita é um objeto cultural, cumprindo várias funções sociais existindo concretamente, como por exemplo: os letreiros, panfletos, embalagens, ou seja, existem variados contextos, exercendo influência no aprendizado das crianças, que procuram compreender o significado destas marcas. Existindo, assim, um processo de aquisição da língua escrita antes do ingresso à escola, independentemente da classe social. A criança convive num mundo vasto de símbolos e significados, todos inseridos pela cultura, de certa forma, estão sendo implantados á linguagem, iniciando assim a construção do conhecimento de leitura do mundo, que motivará a sua futura alfabetização e aprenderá a desenvolver a fala e a escrita, se tiver alguém falando com ela. O importante é que tenha som e entonação,

tendo contato com tudo isso a criança desenvolverá a linguagem e conseqüentemente a escrita.

As crianças não chegam à escola vazias, sem saber nada sobre a língua. É importante diagnosticar o quanto já sabem antes de iniciar o processo de alfabetização.

A alfabetização desta forma deve ser um processo contínuo, dentro e fora da escola. Brincando e convivendo no meio social e familiar, a criança exercitará a linguagem oral e a partir do momento que vai para a escola leva adquiridos espontaneamente sobre essas experiências do mundo em que vive, sendo assim as crianças serão facilmente alfabetizadas.

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começam a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Porém há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (FERREIRO, 2001, p.23)

A aquisição da leitura e da escrita é um processo em que se adquire conhecimento em consequência, ou seja, a aquisição da língua escrita é fruto do ato da criança, sua capacidade cognitiva e de sua interação com o mundo letrado. A criança que cresce no meio onde todos leem, está exposta a várias influências, que criam condições da concepção dos símbolos, aprendendo a se comportar como um leitor, mesmo sem ser e

aprende naturalmente o fundamental ligado à escrita.

### 3.1 COMO A CRIANÇA SE INSERE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

É fundamental determinar por onde iniciar o processo de alfabetização e qual o caminho a ser seguido para inserir a criança na alfabetização de forma satisfatória. Estimular no sujeito o desenvolvimento dessas capacidades, e o desejo de interagir com a leitura e escrita, é algo a ser construído a partir dessa preparação.

A criança tem conhecimentos sobre a escrita quando brinca com os sons das palavras e manuseia material escrito, como livros e revistas e convive com adultos alfabetizados. Toda criança supõe que a escrita é uma forma de desenhar as coisas, não compreende é que a escrita representa a fala, o som das palavras, e não o objeto a que o nome se refere. A criança faz várias tentativas de construção que assemelhe à escrita adulta. Estimular a criança no desenvolvimento dessas capacidades, e fazer com que haja interação com a leitura e escrita, algo primordial para a aprendizagem.

CARVALHO (2004, p.36), diz “que não se pode perder de vista, contudo, que o exercício pelo exercício não ensina a ler nem a escrever”.



A presença de letras por si só não é condição suficiente para que algo possa ser lido, se há muito poucas letras, ou se há um número suficiente porém de letras repetida, tampouco se pode ler (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 39)

FERREIRO e TEBEROSKY (1985, p.183-215) demonstram através de suas pesquisas como a criança constrói a escrita, ou seja, como constroem hipóteses sobre como se escreve constroem idéias, e escrevem sem a ajuda o que elas consideram letras, símbolos e desenhos como forma de escrita e estabelecem etapas.

A descrição sobre o desenvolvimento dos níveis de escrita proporciona uma perspectiva sobre o funcionamento da mente da criança e oferece uma base para a alfabetização.

### 3.2 A ORALIDADE COMO FATOR DE MOTIVAÇÃO DA APRENDIZAGEM.

A oralidade estimula a leitura e é um instrumento de grande valor social, assegurando a comunicação e a integração ao meio. As crianças antes de serem capazes de ler tentam decifrar diversos textos que encontram, ou seja, observando, interpretando, dando significado aos seres, objetos e situações que a rodeiam. A oralidade ocupa com certeza um papel de destaque na relação social

A oralidade está presente no cotidiano e nas várias práticas das crianças desde seu nascimento

e lhes possibilita comunicar ideias, pensamentos e intenções de diferente natureza.

Está ligada aos aspectos do desenvolvimento da leitura e da escrita, é importante que a criança desenvolva a habilidade da leitura, pois se bem explorado, conduz para um processo de construção de conhecimentos.

As pesquisas de FERREIRO e TEBEROSKY argumentam que a aprendizagem da oralidade não é semelhante ao da língua escrita: quando as crianças fazem suas primeiras tentativas para comunicar-se oralmente, os pais manifestam alegria, ainda que pronunciando errado, tentam entender o que pronunciou, convertendo em signo, transformando em palavra a fala da criança.

As crianças desenvolvem muito mais a oralidade quando elas próprias formulam suas hipóteses, criam sua linguagem, do que repetindo o que os outros falam.

Na oralidade, tolera-se o erro da criança ao falar para que ela aprenda através dos seus erros, para permitir acertos posteriores: Na escrita tradicional desprezam o erro, julgando que a aprendizagem só acontece através da pronúncia correta, decorrência disso é que crianças não se aventuram em ler ou escrever e, conseqüentemente, não aprendem. Os erros podem ser trabalhados, pois erros.

Demonstram uma construção, e com o tempo vão diminuindo, já que as crianças começam a se preocupar com a ortografia, que antes não se preocupavam, pois estavam apenas descobrindo a escrita. É importante deixar a criança criar na fase da alfabetização, sem preocupa-se em com a ortografia, para não destruir o estímulo á produção.

A decodificação é a capacidade que temos de identificar um signo gráfico por nome ou por som. Esta capacidade linguística consiste no reconhecimento das letras ou signos gráficos e na tradução dos signos gráficos para a linguagem oral.

A compreensão das relações entre som/grafia e na interpretação da leitura e da escrita precisa ser bem orientada, pois, para que o domínio da linguagem pela criança aconteça, o professor precisa interferir no momento certo, levando a elaborar suas hipóteses.

É necessário determinar o papel da oralidade na escola. Que a escola absorva e valorize os conhecimentos que as crianças trazem do mundo, explorando e estimulando a oralidade. Porque falamos e ouvimos desde pequenos, é importante indicar situações de descobertas em que crianças sejam seduzidas a colocar a oralidade em ação, aprendam na prática, que são muitas as situações comunicativas que as pessoas enfrentam ao longo da vida.

### 3.3 A LEITURA E ESCRITA NO CONTEXTO ESCOLAR

A leitura é uma fonte de conhecimentos que serve de grande estímulo e motivação para que a criança goste da escola e de estudar. Além da satisfação pessoal ela, contribui para a construção de modelos relacionados às formas de escrita.

Ler é decifrar. Para os alunos obterem uma boa leitura, é necessário que eles desenvolvam a vontade e o desejo de estudar buscando aperfeiçoar a leitura, já que está contribui para o desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem dos educandos. Contudo, o progresso na aprendizagem da leitura deverá ocorrer com a mediação do professor.

No processo da aquisição da leitura, o próprio aluno é o ponto de partida de toda a aprendizagem. Este vive num mundo onde a escrita é fator presente nas ruas, permitindo que já se reflita sobre o processo. Enquanto a escrita é um sistema de representação da linguagem, a leitura é a interpretação.

Utilizando estas estratégias de busca para compreender o mundo das letras, e dominar a leitura, abrem a possibilidade de adquirir conhecimentos, ampliar a imaginação, raciocínio e, interagir com o meio social. O aprendizado ocorre na convivência, quando estes compreendem que a escrita das palavras representa a forma de representar a linguagem.

O ato da leitura e da escrita conduz ao processo de aprender a conhecer novos significados, sendo um ponto de partida para aquisição de conhecimento. A criança quando dá início à leitura, neste momento associa as figuras, relacionando a palavra ao que está vendo. A família nesta etapa tem um papel importante, o de incentivar e motivar o contato com a leitura. Crianças gostam de histórias e a família deve ler história para estimular, desenvolvendo assim o interesse pela leitura.

Ler é uma atividade fundamental desenvolvida na escola, pois a leitura é um processo contínuo e gradativo, podendo ser anterior a entrada da criança na escola. A aprendizagem da leitura não acontece apenas no primeiro ano da vida escolar.

Para CARVALHO (2004, p.9) “produzir bons leitores é um desafio para a escola em toda a parte do mundo”. O contato com todo tipo de material escrito influencia no desejo de interagir com a língua escrita, despertando na criança o interesse pela leitura. No entanto, a função da escola é possibilitar o desenvolvimento da capacidade de produção oral e escrita que o aluno possui.

Um bom leitor não se faz por acaso. Muitos são formados na infância, em famílias que podem lhes oferecer contato com a literatura infantil e em escolas que proporcionam experiências positivas no início da alfabetização (CARVALHO 2004, p.11)

O contato da criança com textos variados facilita a descoberta das regras que regem a linguagem escrita. “A leitura é mais eficiente quando leitores conhecem as convenções, características, o tipo de estrutura própria do texto cuja leitura vão iniciar.” (CARVALHO 2004, p.10)

Tendo ajuda do ambiente familiar a criança aumenta a possibilidade de obter mais sucesso. Mas se a criança não tiver ambiente favorável dependerá apenas da leitura que a escola oferece.

A escola que não ler muito para seus alunos e não lhes dar chance de ler muito está fadada ao insucesso, e não sabe aproveitar o melhor que tem para oferecer aos seus alunos. Há um dito popular que diz que a leitura é o alimento da alma. (CAGLIARI, 2007, p.150)

Para aprender a ler, é preciso interagir com uma variedade de formas de representação gráfica. CARVALHO (2004 p. 9), faz referência que “produzir bons leitores é um desafio para a escola em todas as partes do mundo”.

A construção de leitura e escrita são processos que andam juntos, um depende do outro para dar sua significação. Quando a criança inicia no processo de aprendizagem de leitura e escrita, ela identifica que números representam quantidades e as letras formam palavras, e através delas podem apresentar

suas ideias. E é a partir daí que elas começam a perceber a diferença que há entre escrita e leitura.

Através da leitura, o aluno tem probabilidade de manifestar sua relação com o mundo e com o outro.

A aprendizagem tem que ser um processo contínuo, dentro e fora da escola. No convívio social e familiar a criança pratica a linguagem oral e quando vai para a escola leva conhecimentos, sobre a língua escrita do mundo em que vive.

As pesquisas de EMÍLIA FERREIRO e ANA TEBEROSKY demonstraram que, desde que as crianças estejam envolvidas com o usos e funções da escrita e se questionam sobre o seu funcionamento, está ocorrendo uma aprendizagem, apontando que não é a escola que apresenta a escrita para as crianças.

A criança vê mais letras fora do que dentro da escola: a criança pode produzir textos fora da escola enquanto na escola só é autorizada a copiar, mas nunca a produzir de forma pessoal. A criança recebe informação dentro, mas também fora da escola, e essa informação extraescolar se parece à informação linguística geral que utilizou quando aprendeu a falar. (FERREIRO, 1995, p. 38)

A alfabetização é a aprendizagem da escrita e da leitura, consiste em um processo de interpretações e raciocínio, em um procedimento investigativo. As crianças que se desenvolvem num meio onde a presença da língua escrita é acentuada progredem na alfabetização, por isso, valorizar as representações utilizadas pelas

crianças no processo de alfabetização, é muito importante, porque as atividades representativas contribuem para a estruturação operatória do pensamento.

A leitura é decifrar a escrita. Escrever é consequência desse conhecimento e não o oposto. Na escola há a hipótese de que a criança já sabe decifrar a escrita. Na alfabetização, a leitura como decifração é o objeto maior a ser atingido.

A criança, ao passar pelos diferentes níveis da escrita, percebe que há um caminho bastante vasto para ser descoberto e que podemos direcioná-la para a busca da construção de uma escrita convencional e, nesse caso, a família, a escola e o professor têm um papel fundamental na construção desses saberes.

Quando chega o tempo de alfabetizar a criança, como já vimos em capítulos anteriores, tem algumas habilidades desenvolvidas e um mundo rico em elementos gráficos, a criança sentir necessidade de dominar a leitura. Cagliari (2007, p.155) faz referência aos tipos de leituras “ uma leitura pode ser ouvida, vista ou falada”.

A criança ao ler em voz alta, tem que primeiro decifrar os símbolos, após reproduzir oralmente o que foi decifrado, e no início da alfabetização a criança ainda não sente segurança. CAGLIARI comenta sobre esse aspecto da leitura:

Às vezes por razões absurdas, certas professoras de alfabetização induz os alunos a uma pronúncia completamente artificial (...), julgando que assim facilitem o trabalho de leituras das crianças (2007, p.162).

A habilidade para ler e entender o que está escrito desenvolve nas crianças: confiança e prazer, levando-as a uma vida mais agradável. Aprende a criar o gosto pela leitura e pela escola. A leitura é uma atividade necessária no cotidiano da criança, pois é com seu auxílio que se adquire conhecimentos para melhor compreender a realidade. Sendo indispensável na vida de todas as pessoas.

A função da escola é possibilitar o desenvolvimento da capacidade de produção oral e escrita da criança, ensinando os usos e forma de fala adequada às diferentes atuações na vida.

Portanto se faz necessário mostrar o que se ganha com a leitura, dando condições que facilitem o contato da criança com a leitura, principalmente na etapa inicial da alfabetização. Cabe aos professores estabelecerem saídas para uma boa alfabetização, desenvolvendo a prática da leitura em sala de aula para que a criança sinta estimulada a interpretar, criticar e elaborar opiniões sobre o que lê.

CARVALHO (2004,p.19-21), sugere atividades de escrita e de leitura para dar início ao processo de alfabetização:

Apresente aos alunos diversos tipos de materiais de leitura, pedindo-lhes que identifiquem o que é letra o que é número. Este trabalho pode

ser feito em pequenos grupos de alunos, que vão também descobrir se há números ou letra iguais e começaram a indagar sobre o que está escrito. Se o processo de descoberta for incentivado, alguns chegaram a identificar palavras iguais ou reconhecer as letras repetidas. É por esse caminho que o indivíduo vai descobrindo o que a escrita representa.

Peça aos alunos que tragam diferentes coisas escritas. Se dispuserem de livros, jornais e revista, ótimo. Mas também pode trazer embalagens de produtos diversos, panfletos distribuídos na rua. Coloque o material à vista de todos, deixe-os olhar e comparar o que trouxeram. Observe os comentários dos alunos e faça também algumas perguntas, por exemplo: que tipo de livro é este: de história, de cozinha. Alguém conhece essa embalagem? O que é um catálogo de telefones? O que está escrito aqui? No jornal, o que mostram as fotos? O que diz o jornal sobre as fotografias. Leia para turma e deixe-os trocar os materiais entre si.

As crianças, antes de começarem a ação de aquisição da leitura e escrita, constroem hipóteses sobre o objeto de conhecimento. É fundamental que o professor crie situações de diálogo e participação dos alunos, para que sintam confiança, e não tenham medo de errar, acreditando nas capacidades dos mesmos. Produzir leitores é um desafio para os professores que desde cedo

precisa ser motivado nas crianças e deve continuar por toda a vida.

Além das atividades de leitura e escrita realizadas pelas crianças, professor pode fazer leitura em voz alta, “os alunos precisam e devem saber que um texto pode ser lido de muitas maneiras” (CAGLIARI,2007, p.171).

#### 4. CONCLUSÃO

Antes de chegar à escola muitas crianças já tem uma noção da escrita, através do seu contato com o mundo, por meio dos cartazes, embalagens de biscoitos, revistas e jornais que fazem parte do cotidiano da família, fazem uma pequena construção do que imaginam “ser escrita”. Não basta ensinar a criança a memorizar os símbolos da escrita e saber juntá-los, importante ensinar a desenvolver funções cognitivas: como identificar, analisar, selecionar, organizar, comparar, diferenciar, representar mentalmente, levantar hipóteses, se bem desenvolvidos, favorecer a criança em outras situações do cotidiano dela.

As crianças conhecem bem a língua materna, usa diariamente, mas no momento de expressar e representar com símbolos essa linguagem na escola, as crianças sentem certa dificuldade, pois depararam com uma escrita distante da língua usada em seu cotidiano.

É importante propiciar condições para que a criança prossiga a construção do conhecimento

iniciada em casa e que possa interagir constantemente com os usos sociais da escrita.

Perante as análises desenvolvidas nesta pesquisa, percebo que é necessário professor articularem em prol do aluno, promovendo ações que desenvolva a oralidade, leitura e escrita das crianças.

Não basta ensinar a ler é necessário promover no meio escolar, ações que motivem a leitura, com a criação de rodas de leitura, contadores de histórias na escola e empréstimos facilitados de livros.

Podemos ressaltar que alguns professores não apresentam bases teóricas para a alfabetização, e chegam na sala de aula sem nenhuma noção do que seja alfabetizar. Sabendo que o ato de aprender a ler e escrever não é uma tão fácil como se imagina, e é importante que o alfabetizador se coloque no lugar da criança, e assim pensando em novas atividades para enfrentar esse momento tão importante que é alfabetizar, é um processo gradativo, que desenvolver conforme a criança amadurece.

Ser alfabetizador não é uma tarefa fácil, o alfabetizador deve estar sempre procurando melhores técnicas, adequadas ao seu trabalho com as crianças, considerar a realidade do aluno em harmonia com o universo escolar.

#### 5. REFERÊNCIAS





BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1991.

CAGLIARI, Luiz. Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 2007.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2004.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização/** tradução Horacio Gonzalez...(et.al.) São Paulo: Cortez,1995.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas,1985.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KATO, Mary. **No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1987 (Série Fundamentos).

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1987.